

---

## **Entre programas de auditório e capítulos de telenovela: uma banda do interior paulista como síntese cultural do contexto político/econômico do Brasil nos anos 1990<sup>1</sup>**

Carlos Eduardo MARQUIONI<sup>2</sup>  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, SP

### **Resumo**

Alcançar sucesso comercial em escala nacional no Brasil não era tarefa simples na década de 1990. Aqui apresenta-se como o uso da televisão por uma banda de música *country* da pequena cidade de Santa Gertrudes/SP fez com que os músicos do interior paulista ultrapassassem apresentações em bares e bailes temáticos locais, e alcançassem desde programas de auditório até longa participação em novela e vendagem significativa de seu LP de estreia. Argumenta-se que parte desse sucesso comercial seria motivado pelo fato de a Banda Buffalo constituir, na TV, uma espécie de síntese cultural (Raymond Williams) metafórica do contexto político-econômico daquele momento no Brasil.

**Palavras-chave:** televisão; cultura; música *country*; *pop-rock*.

### **Introdução**

Em pesquisa pós-doutoral em curso, trabalha-se com a hipótese segundo a qual ao analisar o uso das tecnologias da comunicação de cada momento no tempo, articulando tal uso à produção musical do momento, seria habilitada forma de acesso à cultura daquele período – em cenário semelhante àquele apresentado por Raymond Williams, ao endereçar romances como “materialidade alternativa” (MARQUIONI, 2017) para acessar e analisar a cultura inglesa dos séculos XVIII e XIX. Para o pesquisador galês (que vivera no século XX), os romances não seriam meras fantasias (WILLIAMS, 1964, p. 161) propostas por seus autores, mas fontes ficcionais que “negociam sentimentos” (WILLIAMS, 1964, p. 161) capazes de apresentar as convenções e as experiências vividas em um período. Os sentimentos negociados a que se refere Williams comporiam a complexa noção teórica desenvolvida por ele: a “estrutura de sentimento” (WILLIAMS, 2001, p. 64), que apresentaria as experiências compartilhadas em cada momento – ou a “cultura de um período” (WILLIAMS, 2001, p. 64). Mesmo quando não se percebe claramente tal compartilhamento, seria estabelecida uma forma de comunhão de significados que caracterizaria um padrão cultural geral.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Linguagens. Desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da FCHS (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais) da Unesp/Campus de Franca/SP. E-mail: cemarquioni@uol.com.br.

---

No caso deste artigo, analisa-se os modos como a televisão (no início da década de 1990), articulada à produção musical de uma banda *country* formada por músicos residentes na pequena cidade de Santa Gertrudes (localizada no interior do Estado de São Paulo) e com participação de músicos de cidades vizinhas habilita acesso ao contexto político/econômico dos primeiros anos da década de 1990 no Brasil. Defende-se que a banda seria, metaforicamente, uma espécie de síntese cultural daquele contexto.

Antes de avançar, vale observar dois aspectos relacionados que merecem destaque. O primeiro dá conta de que no projeto em curso se relaciona a música *country* com o *pop-rock*, porque ainda

Por volta de 1950 as *indies* [gravadoras independentes estadunidenses] exploram dois importantes mercados específicos: o *rhythm & blues* negro e a música dos brancos rurais, o *country & western*. É a conjunção explosiva destas duas correntes, formando o estilo chamado *rock'n'roll*, que irá subverter a partir de 1950 todos os esquemas das gravadoras, os hábitos de consumo musical e, num sentido mais profundo, a própria cultura americana (MUGGIATI, 1981, p. 35).

Ou seja: na perspectiva da pesquisa, o *country* não apenas estaria próximo do *pop-rock*, mas seria uma das partes fundadoras de seu antepassado direto, o *rock'n'roll*.

O segundo, relacionado ao primeiro, dá conta de que seria simplificador considerar que uma banda *country* faria sentido *a priori* em uma pequena cidade interiorana pelo fato de o *country* caracterizar um gênero musical usualmente entendido como sendo próximo da música sertaneja ou caipira (frequentemente associada ao interior paulista). O caráter simplificador seria associado ao fato de se entender, como mencionado, que o *country* é parte da formação do *rock'n'roll*.

Vale ainda destacar o aspecto metodológico adotado para o desenvolvimento do artigo, que teve revisão bibliográfica para endereçar o contexto político-econômico e cultural do início dos anos 1990 – época do auge da Banda Buffalo (aqui endereçada) –, acesso a acervos de jornais locais do período e a conteúdos disponíveis na plataforma *youtube.com*, além da condução de entrevistas com Luiz Tadeu do Canto – a partir daqui Ted Canto –, o idealizador da Banda Buffalo.

### **Do Country Company à Banda Buffalo**

Ted Canto nasceu em São Paulo/Capital e, por influência da mãe estudou piano dos 10 aos 12 anos. Contudo, gostava mesmo de violão: instrumento que passou a tocar sem ensino formal e que o levaria, após os 18 anos, a participar de bandas de *rock*, *country* e *jazz* tradicional na cidade de São Paulo. Na década de 1980, foi contratado para ser

---

gerente nacional de vendas na Gurgel veículos, sediada em Rio Claro; foi quando se mudou para a cidade vizinha de Santa Gertrudes, no interior do Estado (DO CANTO, 2024).

Já no interior paulista, em 1987 fundou a banda Country Company, com o principal objetivo traçado de “tocar em um bar de Rio Claro que se chamava Jou Jou Balangadans” (DO CANTO, 2024). A coluna Geração<sup>3</sup> do Jornal Diário do Rio Claro noticiou a formação da banda informando que de “repente, aparece no cenário musical da região (e porque não dizer de todo o interior), vindo de Santa [Gertrudes], um bando de Cowboys inofensivos, com uma proposta até então inusitada: tocar *country*” (NEON, 1987, p. 13). A nota no jornal auxilia a afastar a tentação simplificadora de relacionar a música *country* ao contexto musical do interior paulista de então.

De fato, o caráter de ineditismo do gênero musical na região naquele momento culminaria com o interesse do público local que passou a frequentar as apresentações do grupo, “até que um empresário de duplas sertanejas de Rio Claro, Renato Somaio, veio nos convidar para compromissos ‘mais sérios’” (DO CANTO, 2024) do que a apresentação em bares locais. Ted Canto conta que nesta época adotou o nome de Teddy Nelson, em homenagem a seu ídolo Willie Nelson e criou um produto: “Teddy Nelson and Buffalo *Country* Band [...]”. Daí o lance pegou, começaram a nos convidar para muitos bailes em clubes, shows em festas do peão etc.” (DO CANTO, 2024). Depois de um ano de trabalho, Ted Canto menciona que resolveu parar com as atividades da banda mas, por insistência dos demais músicos e de seu sócio na banda, optou por continuar com uma mudança chave em 1989: “gravar um disco e tentar [...] carreira artística. [...]. Aí surgiu a Banda Buffalo” (DO CANTO, 2024).

Enquanto Ted Canto e os músicos da Banda Buffalo gravavam seu álbum musical de estreia, a década de 1990 no Brasil iniciava com Fernando Collor de Melo tomando posse como o primeiro presidente eleito democraticamente no país depois de duas décadas de governos militares e de cinco anos do governo de um vice-presidente civil (José Sarney) eleito por um colégio eleitoral. O governo Sarney, no final dos anos 1980 teve, após breve período de aquecimento no consumo da classe média (inclusive com vendagens expressivas de LPs de *rock* brasileiro, gênero musical que dominou as rádios

---

<sup>3</sup> A recuperação do conteúdo publicado na coluna Geração do Jornal Diário do Rio Claro foi possível a partir do acesso ao Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro ‘Oscar de Arruda Penteadó’, com o gentil suporte de Leticia Cardoso.

e TVs no período), cenário de crise econômica e hiperinflação. Foi nesse contexto que Collor foi eleito, trazendo “significativa mudança nas relações entre música e política. Com ele, subiram ao poder 35 milhões de eleitores conservadores, na maioria do interior do país” (DAPIEVE, 1995, p. 206) e que tinham especial interesse em música sertaneja de duplas. Ainda, associado ao conservadorismo houve, no início do governo, o anúncio do Plano Collor para tentar conter a hiperinflação e que restringiu o acesso de “[c]erca de 80% do dinheiro aplicado, não só em cadernetas de poupança e em contas correntes, mas, também, em aplicações financeiras” (BERNARDO, 2020). Com isso, mesmo quem tinha dinheiro em bancos acabou proibido de fazer movimentações. Nesse complexo cenário de mudanças e incertezas o álbum da Banda Buffalo foi lançado, com a preocupação de Ted Canto em encontrar alternativas musicais que fizessem a banda soar diferente de bandas *country* que existiam na época na Capital e que gravavam *covers* em inglês.

Gravado de modo independente e lançado pelo selo Chantecler, o álbum “não obteve sucesso inicial por falta de divulgação” (DO CANTO, 2024). Sobre esse tema, Pena Schmidt, em entrevista a Marcia Tosta Dias ainda na primeira metade da década de 1990, comenta que o “público dele [do artista novo que recém lançou um disco] vai crescendo, até chegar ao tamanho que impressiona a mídia” (DIAS, 2008, p. 146). Nesse sentido, “a difusão [deve ser entendida] como espaço de mercado que antecipa, complementa e direciona o consumo” (DIAS, 2008, p. 161). Quando entendeu isso (ainda que empiricamente), a banda resolveu tentar se apresentar na televisão.

### **Dos palcos do interior paulista para o vinil e para as telas de TV**

Com a contratação por conta própria de um divulgador, a Banda Buffalo conseguiu se apresentar no Clube do Bolinha, programa de auditório que era apresentado nas tardes de sábado na TV Bandeirantes: “A apresentação foi tão boa que o próprio Bolinha nos convidou para participar mais vezes em seu programa como também em sua caravana que fazia shows em várias cidades do Brasil. Éramos diferentes!” (DO CANTO, 2024). Após aquela primeira apresentação na televisão, a banda começou a participar de outros programas de TV, como Raul Gil, Ronnie Von, Almoço com as Estrelas, etc. Com a visibilidade alcançada, a gravadora multinacional Warner Music os contratou, e “tudo ficou mais fácil. As rádios começaram a tocar nossas músicas, programas mais importantes como Sabadão Sertanejo do Gugu [Liberato] e [Domingão do] Faustão [Silva], entre outros, passaram a nos convidar” (DO CANTO, 2024).

---

A partir das apresentações na TV, a banda passou a vender mais shows. Ted comenta que a banda se apresentou várias vezes em praticamente todas as cidades do interior de São Paulo e também na Capital. Nos demais Estados, relata que faziam frequentemente shows no Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Goiás, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Tocantins e Espírito Santo. “Era uma média de 4 a 5 shows por semana e chegamos a fazer 3 num único dia” (DO CANTO, 2024). As apresentações na TV levaram também ao sucesso comercial do disco que enfrentou dificuldades de venda anteriormente: “vendemos mais de 130 mil cópias desse nosso primeiro LP ‘Banda Buffalo’. Isso na época era o dobro do que vendiam um Chico Buarque ou uma Maria Bethânia, entre outros artistas da MPB” (DO CANTO, 2024).

A banda foi convidada ainda para uma participação especial na novela ‘A História de Ana Raio e Zé Trovão’, [que] foi veiculada pela Rede Manchete nos anos “1990-1991” (BECKER, 2010, p. 246). Mas desenvolver as relações entre a novela ‘Ana Raio e Zé Trovão’ quando de sua exibição e o contexto então vivido (inclusive para compreensão da síntese cultural mencionada) necessita também da menção à novela anterior exibida pelo canal: Pantanal. Ocorre que no

mesmo mês em que ‘Pantanal’ estava estreando, o presidente Fernando Collor confiscou as cadernetas de poupança da população do país, deixando todos os brasileiros literalmente pobres da noite para o dia. A poupança, na época, representava a promessa de se poder realizar um dia o sonho da casa própria, do automóvel próprio, do aparelho eletrônico, da viagem de férias, do curso de aperfeiçoamento etc. (BECKER, 2010, p. 240).

Nesse cenário, enquanto sonhos de consumo e viagens eram limitados, Pantanal “resgatou algo da identidade rural da sociedade brasileira, negligenciada e silenciada durante o processo de modernização do país” (BECKER, 2010, p. 241). Na “estrutura de sentimento” de então, para a audiência empobrecida era mais razoável se ver na novela rural, e não no “paraíso urbano, liberal, hipermoderno e baseado no poder de consumo [experimentado brevemente na década anterior] [...] que o dinheiro já não podia mais necessariamente comprar” (BECKER, 2010, p. 240) a partir do confisco.

A novela Pantanal foi sucedida na Rede Manchete pela ‘História de Ana Raio e Zé Trovão’, com ambientação de “‘telenovela-itinerante’ cuja equipe de produção trafegaria por diversos pontos do país para reproduzir a lógica das caravanas de rodeio que dava o tom à ficção” (NÉIA, 2023, p. 210). Enquanto certa lógica rural foi mantida, é razoável considerar que a participação de uma banda *country* fazia sentido na trama. Ao ponto de Ted Canto comentar que a partir do convite para uma participação especial, a

---

banda foi fazer a gravação no *set* de filmagem quando tocaram “várias músicas [...] que, no ar, tomou uns três capítulos da novela. No final das gravações o [diretor] Jaime Monjardim nos chamou e nos convidou para ficar até o final da novela. Estivemos presentes em mais de 40 capítulos” (DO CANTO, 2024).

### Considerações finais

O “*Country-Sertanejo* ou [o neologismo] *Countrypira* (*country-caipira*, uma denominação criada pelo próprio grupo)” (SANTA, 1993, p. 2)<sup>4</sup> da Banda Buffalo parece caracterizar um caso paradigmático para ilustrar a complexa relação de produção de sentidos englobando o contexto político/econômico vivido, os meios de comunicação e a cultura de um período. No início da década de 1990, quando novelas rurais alcançavam sucesso de público e as gravadoras ofereciam ao mercado conteúdo de música sertaneja, a projeção alcançada pelos músicos de Santa Gertrudes e região possibilita observar uma efetiva relação entre conteúdos de sucesso na TV e nas rádios e a vida cotidiana.

Esse foi o caso particularmente na novela da qual a banda participou: o contexto político/econômico contribuíra com a veiculação de músicas que remetessem a uma vida rural (o que era oferecido pela banda gertrudense). Parece possível ir além e afirmar que, de fato, a participação de uma banda *country* não apenas era razoável na trama daquele folhetim diário, como é possível inferir potencial produção de sentido de que a música estadunidense apresentada com relativa frequência na trama (ainda que cantada em português) caracterizava uma forma de acesso possível a um cenário de consumo de bens e viagens inviabilizado pelo confisco do plano econômico.

É neste sentido que se defende ser possível analisar a Banda Buffalo como espécie de síntese cultural metafórica do contexto político-econômico daquele momento no Brasil – eventualmente inclusive segundo a percepção da presidência da república: ocorre que, em 1992, por ocasião do aniversário do então presidente Fernando Collor de Melo, a banda foi convidada e tocou na festa do governante na Casa da Dinda, naquela que seria, nas palavras de Ted Canto, a “derradeira festa pré-impeachment”.

### Referências

---

<sup>4</sup> Deve-se destacar que o acesso ao acervo do jornal O Arauto de Santa Gertrudes foi gentilmente concedido ao pesquisador por José Antônio Milani (Gancho) que conserva, por iniciativa pessoal, material fotográfico e documental de Santa Gertrudes em uma tentativa de manter parte dos registros da história do município.

---

BECKER, Beatriz. O sucesso da telenovela ‘Pantanal’ e as novas formas de ficção televisiva. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. pp. 239-257.

BERNARDO, André. Entre infartos, falências e suicídios: os 30 anos do confisco da poupança. **Uol Economia**. 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/17/entre-infartos-falencias-e-suicidios-os-30-anos-do-confisco-da-poupanca.htm>>. Acesso em: 29 abr. 2024.

DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Editora 34, 1995.

DIAS, Marcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DO CANTO, Luiz Tadeu. **Entrevista concedida a Carlos Eduardo Marquioni (via WhatsApp)**. Santa Gertrudes, 04 abr. 2024.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. Do *rock* como materialidade alternativa para acessar “estruturas de sentimento”: o caso do Velvet Underground e o cenário da música pop no final dos anos 1960. **Per Musi**. Belo Horizonte: UFMG, 2017. pp. 1-23.

MUGGIATI, Roberto. **Rock o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1981.

NÉIA, Lucas Martins. **Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultura da telenovela brasileira (1963 a 2020)**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

NEON, W.T.. Coluna Geração: ‘On the road again: *Country Company*’. **Diário do Rio Claro**, Rio Claro, 27 out. 1987, p. 13.

SANTA Gertrudes Nosso Orgulho Nosso Futuro: Banda Buffalo. **O Arauto de Santa Gertrudes**, Santa Gertrudes, p. 2, 3 a 16 abr. 1993.

WILLIAMS, Raymond. **The long revolution**. Peterborough: Broadview Press Ltd., [1961] 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Second Generation**. London: Chatto and Windus, 1964.